

Entrevista

Christian Muleka Mwewa¹
Karen Cristina Medeiros de Souza²



A sociologia da infância em Portugal como campo de investigação e as relações étnicas: entrevista com Ana Nunes de Almeida³

Resumo: A entrevista semiestruturada teve como objetivo analisar as questões relacionadas à constituição do campo de investigação atinente à infância diante das questões étnicas. A professora Ana Nunes de Almeida pontua a importância de um campo de estudos que se dedique às especificidades das infâncias para dar voz às crianças como sujeitos produtores/ativos e não apenas receptáculos das demandas adultocêntricas. É nesse procedimento que se encaixa, por exemplo, as questões étnicas no contexto formativo da pré-escola.

Palavras-chave: Ana Nunes de Almeida. Sociologia da infância. Relações étnicas. Portugal.

¹ Doutor em Ciências da Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (2010) com estágio na Université Paris I-Panteheón Sorbonne (2008). Professor na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Campus I -Três Lagoas/MS). Foi Investigador Visitante no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-UL/2017-2018). Realizou estância de curta duração na Universidad Nacional de la Plata (UNLP/2017). Possui estudos Pós-doutorais na Universidade Federal de Santa Catarina (2017/PPGE/UFSC). Possui estudos pós-doutorais na Universidade Federal de Santa Maria (2017-2018/PPGE/UFMS). Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (CNPq/UFSC/UFMS). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade (CNPq/UFMS/CPTL). E-mail: christian.mwewa@pq.cnpq.br

² Discente do curso de Pedagogia – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Campus I -Três Lagoas/MS). E-mail: karen_cristina.ms@hotmail.com

³ Em nome da professora Doutora Márcia Simão-Buss agradeço às editoras de Zero-a-Seis pelas sugestões para a melhora do texto ora apresentado.

La sociología de la infancia en Portugal como un campo de investigación y las relaciones étnicas: Entrevista con Ana Nunes de Almeida

Resumen: La entrevista semiestructurada tuvo como objetivo analizar las cuestiones relacionadas con la constitución del campo de investigación relativo a la infancia ante las cuestiones étnicas. La profesora Ana Nunes de Almeida puntualiza la importancia de un campo de estudios que se dedique a las especificidades de las infancias para dar voz a los niños como sujetos productores/activos y no sólo receptáculos de las demandas adultas. Es en este procedimiento que se ajusta, por ejemplo, las cuestiones étnicas en el contexto formativo de la pre-escuela.

Palabras clave: Ana Nunes de Almeida. Sociología de la niñez. Relaciones étnicas. Portugal.

The sociology of childhood in Portugal as a field of research and ethnic relations: interview with Ana Nunes de Almeida

Abstract: The semi-structured interview aimed at analysing topics related to the constitution of the field of investigation concerning the childhood and the ethnic issues. Professor Ana Nunes de Almeida points out the importance of a field of studies that focuses on the specificities of childhood to give voice to children as producer / active subjects and not just receptacles of adult-centered demands. It is in this procedure that fits, for example, the ethnic issues in the formative context of the preschool.

Keywords: Ana Nunes de Almeida. Sociology of childhood. Ethnic relations. Portugal.

Introdução

A entrevista se deu no contexto dos estudos pós-doutorais de um dos autores . Teve esse autor como entrevistador e Ana Nunes de Almeida como entrevistada. Segundo a informação que consta no site do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa⁴, a participante da entrevista,

Ana Nunes de Almeida é Lisboaeta, nascida em Abril de 1957, é casada e mãe do Tiago, Inês e Maria - e avó do Manuel. Aluna do Liceu Nacional de Oeiras (1969-1974), frequentou a fileira científica no 3º ciclo, com o objectivo de vir a ser investigadora em Física. Contudo, e graças ao 25 de Abril, a vocação sofre uma viragem decisiva. Termina a licenciatura em Sociologia em 1979 (Fac. des Sciences Économiques et Sociales, Univ. Genève). Doutora-se em Sociologia em 1991, no ISCTE. Faz as provas de habilitação na Universidade de Lisboa (2008). É actualmente investigadora

⁴ Recuperado de <http://www.ics.ul.pt/instituto/?ln=p&pid=7&mm=5&ctmid=2&mnid=1&doc=31809901190> Acessado em 08 de janeiro de 2018.

coordenadora no Instituto de Ciências Sociais e Presidente do seu Conselho Científico na Universidade de Lisboa (Portugal). Coordena o Doutoramento InterUniversitário em Sociologia, OpenSoc - Conhecimento para Sociedades Abertas e Inclusivas (consórcio que integra o ICS, ISCSP e ISEG - ULisboa, a FCSH da Nova, o IIFA da UEvora e a Faculdade de Economia da UAlg). É membro do Bureau do Comité de Recherche Sociologie de l'Enfance da Association Internationale des Sociologues de Langue Française, bem como da Direcção da Research Network Childhood da European Sociological Association. Entre os seus objectos científicos preferidos contam-se a família, a infância e a escola. Desenvolve actualmente pesquisa na área das crianças e internet, gestão e financiamento das escolas, culturas infantis e catástrofes.

As questões tematizadas na entrevista congregam a especificidade das relações étnicas no contexto da pequena infância. Porém, como se trata da produção de conhecimento a partir do ponto de vista da entrevistada, as discussões extrapolaram a circunscrição da temática em pauta. Assim, a forma de apresentação é fruto do diálogo pulsante próprio de uma intelectual à frente do seu tempo em pontos que tangem os contextos formativos (família e escola) nos quais as crianças estão inseridas. No interior do texto, referimo-nos à entrevistada Ana Nunes de Almeida ora como – entrevistada – ora como Almeida para trazer à tona as suas concepções sobre a temática em questão. Portanto, acreditamos que Ana Nunes de Almeida, ao ser entrevistada, está em processo de produção de conhecimento, ou seja, *work in progress*. Por isso, citamos as suas falas em forma de referência, mas sem as devidas aspas, pois poluíam a forma de apresentação. Há poucas intervenções dos autores no interior do texto para a melhor fluidez do mesmo. É na tentativa de buscar uma harmonia tensional entre forma e conteúdo que elegemos apresentar a entrevista como um texto para evitar a enfadonha apresentação em – pergunta e resposta – em respeito à inteligência do/a leitor/a. Mas, como todas as tentativas geram riscos na excelência do fazer científico, nós assumimos o ônus da apresentação aqui escolhida. Por outro lado e para não gerar dúvidas no/na leitor/a, em alguns pontos da entrevista usamos entre parenteses - (Almeida, 2017, entrevista) – quando a sentença sugere dubiedade de autoria entre os/as autores/as e a entrevistada.

A explicitação da sociologia da infância como campo de investigação foi de fundamental importância para a compreensão da sinuosidade das relações sociais na infância no que tange às questões étnicas. Em outras palavras, é por conta da especificação e constituição desse campo de investigação que se pode discutir ou investigar uma questão micro (pontual) no contexto da macroestrutura das infâncias, especialmente, em Portugal.

Portanto, a professora Ana Nunes de Almeida faz um alerta para alguns dos perigos que ainda rondam as investigações no campo da infância, quais sejam (1) considerar ‘a’ infância no singular quando sabemos que se trata de infâncias no plural⁵ quando não de várias infâncias intra-subjetivas a-geracionais⁶

⁵ Para aprofundar a discussão sobre este aspecto, a partir de outras perspectivas, indicamos, por exemplo, as seguintes leituras: SARMENTO, Manuel. Sociologia da Infância: correntes e confluências. In: SARMENTO, Manuel e GOUVEIA, Maria Cristina Soares de. Estudos da infância: educação e práticas sociais. Petrópolis: Vozes. 17-39. 2008; QVORTRUP, Jens. A tentação da diversidade e seus riscos. Educação e Sociedade. V. 31, n. 113, 1121-1136, 2010; PROUT, Alan. Reconsiderar a Nova Sociologia da Infância: para um estudo interdisciplinar das crianças. Ciclo de conferências em Sociologia da Infância 2003/2004. Departamento de Ciências Sociais Aplicadas. Universidade de Stirling, 23 pág., 2004. Disponível em: <<http://www.iec.uminho.pt/ModuleLeft.aspx?mdl=~/Modules/UMEventos/EventoView.aspx&ItemID=128&Mid=37&lang=pt-T&pageid=25&tabid=11>> Acesso em 03 mar. 2005; MONTANDON, C. Sociologia da infância: balanço dos trabalhos em língua inglesa. Cadernos de Pesquisa. n.112, FCC, São Paulo, 2001, 33-60; SIROTA, Regine. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. Cadernos de Pesquisa. n.112, FCC, São Paulo, 2001, 7-32.

ou até mesmo do *dever* infâncias; (2) considerar as crianças (etapa geracional da infância segundo certa sociologia da infância) como receptáculos das demandas adultocêntricas. Esse procedimento lhes nega uma voz ativa e produtora de certas realidades.

Sociologia da Infância em Portugal como campo de investigação e as questões étnicas: entrevista com Ana Nunes de Almeida

Antes de tematizar as questões étnicas na sociologia da infância, é importante perceber que ela, a sociologia da infância, é muito recente em Portugal, pois data dos anos noventa (1990). Para Ana Nunes de Almeida, os/as investigadores/as que se dedicam a esse campo são oriundos/as de dois grupos, quais sejam (1) sociologia da família e (2) sociologia da escola.

(1) É no grupo da sociologia da família (estudos da família) no qual a entrevistada se auto-identifica. Segundo Almeida, na família as crianças sempre estão presentes em diversas dimensões: servem para contar a extensão da família (número de filhos/as), caracterizar os tipos de família (nucleares, recompostas) etc. Mas, na verdade, os estudos estavam sempre centrados nos adultos da família, ou seja, no casal, sem desconsiderar, é claro, as famílias estendidas, compostas por avós, avôs, tios, tias, genros, noras etc. afirma a autora. Portanto, continua Almeida, houve a necessidade de se estudar as crianças como agentes produtores das realidades, ou seja, explicitar o ponto de vista das crianças nos contextos familiares.

(2) Segundo Ana Nunes de Almeida, há outros/as investigadores/as que chegaram às crianças pela via da educação, como por exemplo, alguns grupos de investigação da Universidade do Minho. Havia muitos trabalhos sobre as escolas, mas vistos de cima para baixo. Olhava-se sempre a escola a partir do ponto de vista de uma organização, ou seja, a partir da perspectiva dos adultos professores, gestores, pais etc. logo se percebeu que se deveria compreender a escola a partir da perspectiva das crianças “dando-lhes voz”, ou seja, o que as crianças tinham a dizer sobre a experiência escolar? (Almeida, 2017, entrevista).

Para Almeida, a questão da etnia é analisada em Portugal a partir de um espaço de socialização que é a escola. Assim, continua a autora, para os estudos sobre as crianças no contexto escolar (dos sociólogos vinculados a situações escolares) a questão da etnia é muito importante, pois as crianças negras ou com uma cor de pele não-branca estão hiper-representadas em fenômenos que dizem respeito à exclusão escolar, ao insucesso escolar, ao abandono, a comportamentos problemáticos no contexto escolar. Segundo Almeida, as crianças não-brancas são Portuguesas do ponto de vista legal por terem nascido em Portugal, mas são oriundas de famílias de imigrantes do Brasil e, sobretudo, muitos que vieram

⁶ O conceito 'infâncias intra-subjetivas a-geracionais', por nós utilizado, refere-se às várias possibilidades que a pessoa tem de construir e constituir as próprias infâncias subjetivamente ao longo da vida sem a categorização de *Outrem*. Ou seja, as infâncias que os sujeitos congregam não estão submetidas a uma dada etapa do desenvolvimento cronológico do humano, mas sim são expressões das demandas contextuais e podem ser exteriorizadas de diferentes formas diante das inter-relações sociais e subjetivas nas quais o afeto (ser afetado/a) desempenha um papel fundamental. Portanto, esse conceito amplia a percepção de diferentes infâncias considerando que cada sujeito é único e vivencia/experimenta infâncias que se diferenciam das outras pessoas. Portanto, o sujeito pode congrega várias infâncias subjetivamente e exteriorizá-las em diferentes etapas da vida. Essas infâncias se diferenciam de sujeito para sujeito conforme indicado pela entrevistada quando se refere às várias infâncias.

dos países do continente africano, ex-colônias de Portugal (PALOP - Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) e se instalaram em Portugal nas décadas de 1960 e 1970 aproximadamente. Portanto, para Almeida, há um grande interesse em compreender de que forma a exclusão escolar acontece. De que forma a escola pública que tem como ideias os ideais da inclusão pode adaptar os seus currículos, os seus métodos, a sua cultura para acolher pessoas que vêm com *background* culturais, linguísticos diferentes etc. Portanto, diz Almeida, é por esse viés que a questão da etnia é introduzida não tanto do ponto de vista das famílias.

Em Portugal, segundo Almeida, há vários estudos sobre a questão da etnia no contexto escolar, como por exemplo, os estudos da Teresa Seabra⁷ (ISCTE-IUL- Instituto Superior Ciências Trabalho e da Empresa do Instituto Universitário de Lisboa) e no repositório da Universidade do Minho cujas parcerias com universidades brasileiras possibilitam uma vasta produção sobre esse aspecto. Para Ana Nunes de Almeida, excetuando os grupos de pesquisa da Universidade do Minho, os sociólogos da educação têm trabalhado com a etnia muitas vezes sem dar a palavra às crianças, ou seja, estudam a escola, notam o fenómeno da exclusão do ponto de vista tradicional, mas não é dada, às crianças com etnias diferentes, a palavra para falar da sua própria condição e experiência escolar.

A questão que se coloca, diante desse aspecto, é sobre a capacidade das crianças se auto-representarem do ponto de vista da etnia. Diante dessa questão, Almeida responde positivamente, pois as crianças têm sempre algo a dizer sobre o que lhes diz respeito. Portanto, continua a entrevistada, seria muito interessante ver como é que as crianças representam a sua própria etnia, caso se achem de uma etnia diferente das crianças brancas da escola. Se são diferentes, são diferentes pela cor da pele? Ou são diferentes por outras razões? conclui a autora.

Mas, em que medida é possível colocar a problemática das questões étnicas para as crianças? Sobre esse aspecto, Ana Nunes de Almeida se posiciona na direção de considerar a capacidade que a criança tem de se autoperceber (perceber a si mesma), pois se a questão sobre a consciência étnica pode ser posta para os adultos não há por que, com procedimentos éticos apropriados, não ser colocada para as crianças. Para a autora, não há 'questões tabu' para as crianças, por isso elas não podem ser co-responsabilizadas pela estrutura social materializada pelos adultos quanto às questões de gênero, econômicas, étnicas etc., enfim, pelos possuidores de um racismo (discriminação) imanente. Segundo a autora, as crianças podem reorganizar interpretativamente o seu universo diferentemente do mundo dos adultos.

Por outro lado, na posição de entrevistador, podemos questionar se quando pensamos em crianças e adultos como pares complementares e não opostos essa questão (de reorganização

⁷ Teresa Seabra (teresa.seabra@iscte-iul.pt) é graduada em Pedagogia (1980) e em Sociologia (1989), mestre em Sociologia Urbana e Rural (1995) e doutorada em Sociologia (2008). Professora Auxiliar do Departamento de Sociologia do ISCTE-IUL. Diretora do curso de Mestrado em Educação e Sociedade. Investigadora do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa (CIES-IUL), desde 1993. Principais domínios de investigação: desigualdades sociais na educação; descendentes de imigrantes na escola; educação familiar; o efeito-escola nos resultados escolares. Autora e co-autora de diversos artigos em revistas científicas, capítulos de livros e livros. De entre as publicações, destaca-se o livro *Adaptação e Adversidade: o desempenho escolar dos alunos de origem indiana e cabo-verdiana no ensino básico*, publicado em 2010 pelo Instituto de Ciências Sociais (ICS-UL). Membro do Conselho Consultivo do Jornal de Sociologia da Educação da Associação Portuguesa de Sociologia (APS). Recuperado de <https://ciencia.iscte-iul.pt/authors/teresa-seabra/cv> Acessado em 08 de janeiro de 2018.

interpretativa) ganha outros contornos. Uma vez que, do ponto de vista geracional, todo adulto já foi uma criança, coloca-se em questão a reorganização interpretativa diante da permanência do racismo. Mas, a este respeito Almeida alerta para o fato problemático de muitas vezes tomarmos como dado determinados pontos de vista e aceitarmos que as crianças não têm um discurso autônomo sobre certos temas (ALMEIDA, 2017, entrevista). A partir dessa afirmação é possível dizer que as famílias não podem ser responsabilizadas por todos os atos das crianças, até mesmo pelos preconceitos emanados pelas crianças. Apesar de ser evidente, em alguns casos, que as crianças, assim como os adultos, expressam as concepções oriundas do contexto familiar e de outros contextos em que convivem. É preciso tomar cuidado, segundo a autora, pois as crianças, hoje em dia, são colocadas na escola desde a mais tenra idade onde recebem valores de socialização que podem ser diferentes dos de sua família de origem (os pais não controlam tudo!). Na escola, as crianças têm os professores com seus ideais educativos, há os amigos que são muitas vezes diferentes das pessoas com as quais estão habituadas a estar em casa, tem as novas tecnologias, a internet etc., portanto, não se pode dizer que as crianças não têm um discurso autônomo por serem completamente formatadas em casa, conclui a autora.

Uma vez assumido este discurso autônomo das crianças, qual seria a sua performatividade no contexto da macro-sociedade no qual não lhes é conferido essa autonomia? Por exemplo, as crianças não têm a liberdade de convidar quem quer que queiram para as festas de seu aniversário. Portanto, “ao silêncio dos movimentos sociais sobre a educação da criança pequena se associa um intenso desconhecimento de nós, pesquisadores, sobre as relações raciais que se constroem no âmbito da creche e da pré-escola e da pequena infância” (ROSEMBERG, 2017, p. 139)⁸. Este ponto se constitui como um pulso para a continuidade das pesquisas de Rosemberg e de outros pesquisadores, ao abrangerem as mediações étnicas nas práticas pedagógicas na educação infantil em contextos formativos. Retomando a questão de autonomia das crianças, pode-se dizer que, em alguns casos nem são elas, as crianças, que decidem se haverá ou não a festa. O fato das crianças decidirem ou não se haverá festa para festejar o seu aniversário, por exemplo, amplia a questão sobre a assunção do discurso de autonomia das crianças. A partir dessa provocação, a professora Ana Nunes de Almeida, afirma que esse cerceamento por parte dos pais em relação às crianças acontece sempre uma vez que os pais são, na maioria das vezes, os *nest keepers*⁹ das crianças. Mas, tudo depende, também, dos modelos de educação, complementa a autora. Há modelos de educação muito mais abertos do que outros e há modelos do ponto de vista hierárquico muito mais rígidos que outros (ALMEIDA, 2017, entrevista). Nesses, por exemplo, os pais, quando brancos, podem não admitir que as crianças ‘tragam’ para a casa crianças negras, pobres, nem indianos, nem ciganos, exemplifica a autora. Neste momento, a autora chama a atenção para o grave problema em que se configurou a presença dos ciganos em Portugal cujo preconceito transcende àquele devotado a outras

⁸ ROSEMBERG, Fúlvia. *Psicanálise e relações raciais*. In: KON, Noemi Moritz, ABUD, Cristiane Curi e SILVA, Maria Lúcia da. *O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise*. – 1 ed. – São Paulo: Perspectiva, 2017. P. 129-141.

⁹ Responsáveis pela manutenção das crianças, ou seja, os mantenedores.

populações marginalizadas. Segundo Almeida, dentro desses dois modelos, rígidos/conservadores e abertos, os últimos podem aceitar mais o ponto de vista das crianças¹⁰.

Para Almeida, a visão conservadora limitaria a autonomia das crianças, ou seja, cercearia as possibilidades de ação delas nas realidades das quais elas são autores/as ativos/as. Portanto, conclama a autora, é do papel dos pesquisadores fazer força para que o ponto de vista e o olhar das crianças tenham importância. Por exemplo, segundo Almeida, nunca se pergunta às crianças o que elas querem fazer em sala de aula durante as aulas (retomando aqui a questão dos currículos), quais brincadeiras elas querem ver na aula. Almeida critica o sistema de ensino de Portugal alegando que é conservador diferente, por exemplo, daquele que acontece nos países nórdicos onde as crianças desde muito pequenas já participam em instâncias de decisão e gestão da escola. A autora cita diversos exemplos de temas que poderiam ser estudados nas escolas diante dos quais as crianças poderiam/deveriam ser consultadas para a elaboração daquilo que se vai estudar ao longo do ano. Com isso a autora conclui que, em Portugal, o sistema de ensino é conservador assim como há pais conservadores e outros mais abertos na educação dos/as filhos/as (ALMEIDA, 2017, entrevista).

Neste momento, a autora cita um exemplo pessoal em relação ao seu neto. Diz a autora que uma vez ao perguntar ao neto com quem ele brincava na escola, ele lhe respondeu que brincava sempre com Kaia (nome fictício) que é seu melhor amigo. Não havendo continuidade da conversa diante do neto, Almeida busca na memória a imagem do amigo do neto que ela não conhecera, pois era um menino novo que acabara de entrar na escola. Uma vez, quando foi buscar o neto na escola, o Kaia lhe foi apresentado. E a autora se deu conta de que o Kaia era um menino negro, característica não referencial para a criança, seu neto. Portanto, ao não frisar tal característica, a criança mostra a sua forma de se referir ao outro que lhe é próximo, ou seja, como melhor amigo para além dos dispositivos físicos que emanam preconceitos preconizados pelos adultos. Mais uma vez a autora reafirma a importância de se respeitar o ponto de vista das crianças que pode trazer conhecimentos importantes sobre o seu contexto formativo. Fúlvia Rosemberg, pesquisadora da intersecção entre infância, relações sociais, relações “raciais”, econômicas, classe e gênero desde a década de 1970, nos questiona: “como propor diretrizes curriculares para a educação visando a promoção da igualdade racial com tantas brechas no conhecimento? É possível transpor para a educação infantil e para a creche a mesma dinâmica de relações raciais observadas em outras instituições sociais?” (ROSEMBERG, 2017, p. 139).

Já em relação ao problema ético na apropriação dos conhecimentos produzidos pelas crianças na geração de dados, Ana Nunes de Almeida afirma que este é o problema da ciência, pois, ao utilizar as pessoas para a geração de conhecimento, o cientista sempre deve se atentar às questões éticas na utilização destes dados e com as crianças não é diferente. Uma vez que seja para a produção de conhecimento em que se leva em consideração a importância do ponto de vista das crianças, elas devem saber exatamente

¹⁰ Claro está que esta classificação bipartida é resultado da forma de apresentação do conteúdo, qual seja entrevista. Portanto, não podemos atribuir uma limitação à autora em não abranger outros modelos intermediários ou que vão para além dos apresentados a título de exemplificação didática. Como todos sabemos, a didática tende sempre a simplificações e limitação da complexidade do vivido ou do imaginado.

por que os pesquisadores querem ouvi-las, afirma a autora. Para tanto, a autora chama atenção, para as precauções éticas, como por exemplo, o consentimento informal. Explicar exatamente às crianças o que vai fazer com elas, sempre se deve arranjar formas para que as crianças tenham a possibilidade de não querer participar da pesquisa mesmo no seu decorrer, privilegiar um ambiente que não seja adultocêntrico, onde elas se sintam bem, que não se sintam invadidas na sua intimidade; proporcionar às crianças que não queiram participar da pesquisa outras atividades para que não se sintam discriminadas. Enfim, arranjar meios de proteção ética ao sujeito da pesquisa, conclui a autora.

Em relação ao fato dos procedimentos de pesquisa que antecedem o contato com as crianças serem adultocêntricos, isto é, as crianças não participam das instâncias das quais se autorizam a execução das pesquisas nas escolas, creches ou pre-escolas. A este respeito a autora afirma que a autonomia da criança reside no momento em que o pesquisador está em contato direto com ela. A entrevista, quando for a escolha metodológica, não pode ter as professoras por perto, a não ser que seja um ambiente confortável para as crianças. Diante da dificuldade de empreender entrevistas com as crianças, Almeida sugere o método da observação participante para ‘captar’ as vozes, discursos, falas das crianças, sem que haja um direcionamento adultocêntrico. Pois, é nas falas delas que pode residir um posicionamento delas sobre o seu próprio contexto. Neste sentido, a autora sugere que é importante que o/a pesquisador/a não seja associado/a ao/a professor/a.

Sendo assim, para a autora, o estudo das questões étnicas na infância tem uma grande importância para a sociologia da infância em Portugal que tem defendido a ideia das condições da infância, pois as crianças não são um grupo abstrato, nem um grupo homogêneo. Elas são profundamente marcadas, continua a autora, por clivagens de gênero, sociais, econômicas, étnicas etc., portanto, estudos desta natureza terão um contributo importante na área. Primeiro porque dará voz às crianças e aborda a questão da etnia. Ou seja, esse tipo de pesquisa vem outra vez chamar a atenção para a importância de se ter em conta a palavra das crianças (ALMEIDA, 2017, entrevista). Quando se discute sobre esse tema, também se problematiza a forma e o processo de exclusão dos quais essas crianças são vítimas, afirma a autora. Em outras palavras, mas ainda no dizer da autora, esse tema traz à tona a questão das infâncias marginalizadas, excluídas etc. Almeida afirma que as crianças se socializam na escola sobretudo, pois no meio urbano a escola tem uma importância fundamental, na rede de pares, na construção de culturas infantis, ou seja, as infâncias europeias se diferenciam, por exemplo, das infâncias sul americanas nos processos de socialização. Essa perspectiva comparativa passa a ser uma das possibilidades de acúmulo de conhecimento sobre as infâncias em diferentes contextos para a melhor compreensão delas.

Ao encerrar a entrevista, Ana Nunes de Almeida retoma o dilema foucaultiano quando este afirma que ao conhecer estamos oferecendo instrumentos de controle. Mas, a verdade desta máxima não anula a possibilidade de emancipação que reside, também, na produção do conhecimento, conclui a autora.

Considerações finais

Considerar as crianças como etapa geracional e a infância como categoria social passam a ser condição *sine qua non* para a compreensão de realidades específicas de difícil apreensão para as outras etapas geracionais, por exemplo, os adultos. Este processo legitima considerar outras categorias sociais, como por exemplo, gênero, etnia, camada social etc. É a partir destas categorias que os adultos explicam/explicitam as vivências/experiências das crianças¹¹.

É importante manter a tensão (contradição aparente) entre as seguintes proposições, quais sejam, (1) considerar a infância no singular; e (2) não levar em conta certa dimensão de autonomia das crianças, para não cairmos na conformação dos campos de investigação uma vez constituídos. Essas proposições se configuram em dois erros básicos de alguns estudos sobre as infâncias. A tensão na primeira proposição se localiza na ideia de que se é individualmente que experimentamos (experienciamos) o mundo, como coletivizar a criança em si mesma como um sujeito múltiplo? Ou seja, existem várias infâncias no mesmo sujeito ou várias infâncias em diferentes contextos sociais e geográficos. Para os leigos, a questão pode ser simples, mas não para os que desconfiam que as uvas não estavam verdes. Na mesma direção Fúlvia Rosemberg (2017, p. 139), questionaria: “como os movimentos sociais, a pesquisa e a educação estão tratando a infância no âmbito das relações raciais?”

Já, a mônada na segunda proposição diz respeito ao fato de que se a criança é um ser autônomo, em que dimensão ela goza dos plenos direitos e deveres garantidos legalmente? Quando sabemos que no Brasil, ao menos, antes dos doze (12) anos de idade o sujeito é plenamente tutelado pelos seus responsáveis legais ou o Estado que legisla até sobre o direito da criança de ir e vir. Se na infância, as crianças, conforme Rosemberg (2017, p. 139), são consideradas “pessoas destituídas de poder político legal, que estão sob tutela, como as crianças, podem compartilhar uma ideologia [...]?”

Portanto, a sociologia da infância como campo de investigação tende sempre a ampliar o seu objeto. É na negação da síntese que os estudos sobre as infâncias encontram uma pulsão ainda ativa não conformadora de mais um campo de investigação. A título de ampliação do objeto, ficaram alguns questionamentos para além da entrevista, quais sejam, qual seria a especificidade desse campo da sociologia da infância senão as infâncias? Se isso for correto, então, como categorizar as memórias das pessoas mais velhas sobre as próprias infâncias? Essas seriam do campo geriátrico ou ainda dos estudos sobre as infâncias? Essas questões devem ser tomadas a título de provocação.

¹¹ Sobre o tema da experiência e vivência ver: Walter Benjamin. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: *Obras escolhidas I*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994c. p. 165-196; Sobre o conceito de história. In: *Obras escolhidas I*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994d. p. 222- 232; A doutrina das semelhanças. In: *Obras escolhidas I* Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994e. p. 108- 113. E, especificamente, no contexto dos estudos sobre as infâncias ver: Ana Cristina Richter. Sobre a Presença de uma Pedagogia do Corpo na Educação da Infância: retratos e vozes, lugares e tempos da corporalidade na rotina de uma creche, 2005; Caroline Machado Momm. Entre Memória e História: estudos sobre a infância em Walter Benjamin. 2006; Caroline Machado Momm. Sobre infância e sua educação: Walter Benjamin e Hannah Arendt, 2012; Jaison José Bassani; Alexandre Fernandez Vaz e Ana Cristina Richter. Corpo, educação, experiência: modernidade e técnica em Walter Benjamin. *Educação (PUCRS. Impresso)*, v. 36, p. 77-87, 2013.

LIVROS DA AUTORA ANA NUNES DE ALMEIDA¹²

WALL, K., ALMEIDA, A. N. de, VIEIRA, M. M., CUNHA, V., RODRIGUES, L., COELHO, F., LEITÃO, Mafalda, ATALAIA, S. (2015). *Impactos da crise nas crianças portuguesas: indicadores, políticas, representações*. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais [online]

ALMEIDA, A. N. de, DELICADO, A., ALVES, Nuno de Almeida, CARVALHO, Tiago, CARVALHO, Diana (2015). *Infâncias digitais*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian [online]

ALMEIDA, A. N. de (2009). *Para uma Sociologia da Infância – Jogos de Olhares, Pistas para a Investigação*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais

ALMEIDA, A. N. de, VIEIRA, M. M. (2006). *A Escola em Portugal - Outros Olhares, Novos Cenários*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais

ALMEIDA, A. N. de (2004). *Children, participation, projects - how to make it work*. Strasbourg: Council of Europe

ALMEIDA, A. N. de, VILAR, Duarte, ANDRÉ, Isabel Margarida, LALANDA, Piedade (2004). *Fecundidade e contraceção - percursos de saúde reprodutiva das mulheres portuguesas*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais

DELICADO, A., ALMEIDA, A. N. de, FERRÃO, J. (2002). *Caracterização do Voluntariado Social em Portugal*. Lisboa: Comissão Nacional para o Ano Internacional do Voluntariado [documento (pdf)]

ALMEIDA, A. N. de, BASTOS, C., FERRÃO, J., WALL, K. (1999). *Perfil da Investigação Científica em Portugal - Antropologia, Demografia, Geografia e Sociologia*. Lisboa: Ministério da Ciência e Tecnologia

ALMEIDA, A. N. de, FERREIRA, Cristina, FERRÃO, Filipa, ANDRÉ, Isabel Margarida (1995). *Padrões recentes da fecundidade em Portugal*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e os Direitos das Mulheres

ALMEIDA, A. N. de, FERREIRA, Cristina, FERRÃO, Filipa, ANDRÉ, Isabel Margarida (1994). *Os padrões recentes da fecundidade em Portugal*. Lisboa: Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres

ALMEIDA, A. N. de (1993). *A fábrica e a família - famílias operárias no Barreiro*. Barreiro: Câmara Municipal

¹² Aqui indicamos apenas os livros diante da imensa quantidade de artigos publicados pela autora. Segue link para o acesso ao currículo da autora: <http://www.ics.ul.pt/instituto/?ln=p&pid=7&mm=5&ctmid=2&mnid=1&doc=31809901190>

do Barreiro

ALMEIDA, A. N. de (1984). *As Mulheres e o Trabalho*. Lisboa: Labor

Recebido em: 26/01/2018
Aprovado em: 22/02/2018